

FLEXIBILIZAÇÃO DOS PAPÉIS DE GÊNERO NA DIVISÃO DO TRABALHO DOMÉSTICO E PARENTAL

CAMARGO, É. N.; CRUZ, J. A. S.; VIEIRA, L. G. R.; VIEIRA, L. G. R.; FERREIRA, G. M. M.

Palavras-chave: Metacontingências. Divisão sexual do trabalho. Individualização.

Introdução

As sociedades ocidentais contemporâneas estão em profundas transformações, caracterizadas por um aumento dos processos de individualização (Beck; Beck-Gernsheim, 2002), transformações sociais que impactam a experiência individual e a construção da identidade (Bauman, 1995; 2000; Hall, 2006[1992]) e flexibilização dos papéis de gênero (Butler, 2018[1990]). Apesar da crescente autonomia individual, as mulheres ainda carregam uma carga desproporcional de responsabilidades domésticas e de cuidado (Hochschild, 1989), o que impacta diretamente a divisão das tarefas domésticas e parentais (Duarte; Spinelli, 2019) e evidencia que as estruturas sociais de gênero persistem em moldar e limitar a liberdade feminina (Pinheiro, 2023).

O trabalho doméstico, historicamente invisibilizado e naturalizado como tarefa feminina, não só reflete como reforça as desigualdades de gênero, afetando o bem-estar individual e coletivo. Nesse sentido, o conceito de *metacontingências* (Glenn, 1986; Glen; Malott *et. al.*, 2016) possibilita a análise dos diferentes padrões de divisão do trabalho doméstico e parental, bem como dos multifatores culturais e individuais que levam a um fenômeno cultural complexo (Geertz, 2008[1973]), emergente da interdependência de práticas individuais e suas consequências agregadas.

Objetivo

O propósito deste estudo é identificar as metacontingências (Glenn, 1986; 2004; Glenn, *et. al.*, 2016) que sustentam a divisão do trabalho doméstico e parental, bem como os aspectos culturais (Geertz, 2008[1973]) que influenciam a manutenção ou a mudança desses padrões em um contexto de individualização e flexibilização dos papéis de gênero. O trabalho também busca aplicar a perspectiva da Análise do Comportamento (Skinner, 2003[1953]) para analisar esse fenômeno como um complexo cultural, propondo formas de intervir para promover maior equidade.

Método

Esta investigação tem uma abordagem qualitativa, baseada em uma pesquisa bibliográfica realizada em portais de busca de textos acadêmicos como *Pepsic*, *Scielo* e *Google Acadêmico*. A sustentação teórica utiliza-se da Sociologia, da Antropologia e, principalmente, da Análise do Comportamento, com o intuito de aprofundar e colocar em diálogo conceitos como individualização e papéis de gênero para entender as influências sociais na dinâmica familiar. Os conceitos de cultura e de metacontingências são usados para analisar como as práticas relacionadas ao trabalho doméstico são formadas e mantidas. O objetivo é detalhar os padrões e as relações que sustentam a divisão de tarefas entre homens e mulheres.

Individualização, Identidade, Gênero e Trabalho Doméstico

A individualização, segundo Beck e Beck-Gernsheim (2002), é um processo central na modernidade, em que as estruturas sociais tradicionais perdem força, libertando os indivíduos de laços pré-definidos, forçando as pessoas a construir suas próprias vidas, assumindo a responsabilidade por seus êxitos e fracassos. Essa transformação, embora ofereça novas possibilidades, gera incerteza e necessidade constante de autorreflexão. Entretanto, essa liberdade vem com novos riscos e responsabilidades, pois o indivíduo tende a ser culpabilizado por falhas que podem ter causas sistêmicas, criando uma tensão entre a liberdade de escolha e a obrigação de escolher sem as redes de apoio tradicionais. Esse processo, embora afete a todos, não elimina as desigualdades sociais, podendo até acentuá-las.

Nesse contexto, é possível dialogar com as ideias de Bauman (1995, 2000) e Hall (2006[1992]), que analisam o impacto das transformações sociais na identidade. Embora cada autor tenha sua própria lente teórica, convergem na análise de como essas transformações impactam o indivíduo e a construção da identidade. O primeiro, com a noção de modernidade líquida, descreve uma sociedade em que as identidades são fluidas e transitórias, exigindo adaptação constante. Já o segundo, com a ideia da identidade cultural na pós-modernidade, argumenta que as identidades são "descentradas" e fragmentadas pela globalização e pela mídia.

Dessa forma, a despadrãoização e a individualização resultam na fragmentação das identidades, pois o indivíduo perde um ponto de apoio seguro para seu senso de si, exigindo que as pessoas construam e reconstruam constantemente suas identidades em um ambiente volátil, o que gera incerteza, pressão e ansiedade. Embora a individualização ofereça a liberdade de experimentar diferentes "eus", pode

levar à sensação de não pertencimento e impactar a divisão do trabalho doméstico. Mesmo com o avanço em autonomia para homens e mulheres gerenciarem suas vidas, essa divisão, no que se refere ao cuidado e ao lar, ainda persiste e continua a ser profundamente influenciada pelas construções sociais de gênero (Pinheiro *et. al.*, 2023; Ribeiro *et. al.*, 2023), que historicamente atribuíram às mulheres a responsabilidade pelo lar e cuidado, enquanto aos homens, a provisão econômica e ao espaço público (Hochschild, 1989). Dessa forma, é importante compreender como a noção de cultura influencia e guia a análise das metacontingências envolvidas nesse fenômeno.

Cultura e Metacontingências

Sob a ótica da Análise do Comportamento, a cultura é um fenômeno funcional e observável, entendida como um conjunto de contingências de reforço social que moldam padrões comportamentais (Skinner, 2000[1971]). Complementando, Geertz (2008[1973]) a descreve como uma "teia simbólica" construída e interpretada pelos próprios sujeitos, o que possibilita a compreensão das normas de gênero como produtos históricos e simbólicos, passíveis de transformação, pois quando a individualização questiona normas de gênero, há uma profunda reconfiguração nos significados que sustentam os papéis familiares e a divisão sexual do trabalho.

Tendo em vista esse cenário, o conceito de metacontingências, ou seja, relações entre padrões de interação (práticas culturais) e suas consequências agregadas (Glenn, 1986), envolve a seleção de padrões de interação entre indivíduos, cujos resultados afetam a sobrevivência de práticas coletivas (Glenn (2004). Morford e Cihon (2013) aprofundam essa definição, explicando que as contingências comportamentais entrelaçadas (CCEs) são o núcleo desse processo, no qual o comportamento de um indivíduo atua como condição discriminativa ou como reforço para a ação de outra, destacando a interdependência funcional entre os comportamentos de dois ou mais indivíduos.

O produto agregado, resultado da coordenação desses comportamentos, pode gerar uma consequência cultural, que é uma resposta do ambiente social mais amplo que seleciona, reforça ou enfraquece aquele padrão de interação. A distinção entre produto agregado e consequência cultural reside na sua função seletiva, pois nem todo produto agregado atua como consequência (Morford; Cihon, 2013). Logo, a desigual divisão sexual do trabalho, especialmente no ambiente doméstico, é uma

construção cultural e histórica, não biológica, legitimada por arranjos sociais que, ao longo do tempo, solidificaram a subordinação feminina e a centralidade masculina.

Analisando divisão do trabalho doméstico e parental sob a ótica das Metacontingências, verifica-se os seguintes componentes:

- **Antecedentes (CCEs):** Incluem fatores socioeconômicos, transformações culturais (como o feminismo), políticas públicas e negociações familiares.
- **Prática Cultural:** Refere-se aos padrões de comportamento recorrentes, como a negociação equitativa de tarefas, o engajamento paterno ativo e a educação de novas gerações sem estereótipos de gênero.
- **Efeito Agregado:** São os resultados coletivos da interação, como a redução da sobrecarga feminina, o fortalecimento dos vínculos familiares e o impacto positivo no desenvolvimento infantil.

Esses componentes ilustram como a divisão do trabalho doméstico e parental não é apenas um conjunto de comportamentos individuais, mas um complexo fenômeno cultural que é moldado, mantido e transformado por uma intrincada rede de antecedentes, práticas culturais e seus efeitos agregados. Nesse sentido, a Análise do Comportamento oferece algumas ferramentas para promover uma maior equidade de gênero no âmbito familiar e social, como a identificação de contingências disfuncionais (por exemplo, críticas que funcionam como punição), o desenvolvimento de novos repertórios comportamentais (treino de habilidades de comunicação) e a promoção de regras culturais que apoiem a equidade.

Conclusão/Considerações Finais

A análise empreendida revela uma ambivalência marcante: embora a modernidade líquida e a crescente individualização prometam maior fluidez e autonomia na construção de identidades, a realidade mostra a persistência de padrões de gênero tradicionais. Nesse cenário, a mulher ainda carrega uma carga desigual de responsabilidades domésticas e parentais. Isso demonstra que, mesmo em face de escolhas individuais, as estruturas sociais de gênero continuam a moldar e, por vezes, a limitar a liberdade e as possibilidades de autoafirmação feminina.

Nesse sentido, a Análise do Comportamento é crucial para entender e intervir nesses fenômenos. Ao desvendar as metacontingências culturais, a Psicologia Comportamental pode atuar em níveis individual e sistêmico para modificar contingências disfuncionais, desenvolver novos comportamentos e promover uma

reavaliação das construções de gênero, contribuindo para uma sociedade mais justa e equitativa. A pesquisa não busca apresentar conclusões definitivas, mas sim, abrir um campo para futuras investigações sobre a dinâmica de gênero e trabalho.

Referências

- BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- BAUMAN, Zigmunt. **A vida fragmentada**: ensaios sobre a moral pós-moderna. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1995.
- BECK, U.; BECK-GERNSHEIM, E. **Individualization**: institutionalized individualism and its social and political consequences. London: Sage Publications INC., 2002.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar, 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2018[1990].
- DUARTE, Giovana; SPINELLI, Letícia M. Estereótipos de gênero, divisão sexual do trabalho e dupla jornada. **Revista Sociais & Humanas**, v. 32, n. 2, 2019. p. 126-145.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008[1973].
- GLENN, S. S. Individual behavior, culture, and social change. **The Behavior Analyst**, v. 27, p. 133-151, 2004.
- GLENN, S. S. Metacontingencies in Walden Two. **Behavior Analysis and Social Action**, v. 5, p. 2-8, 1986.
- GLENN, S. S., *et al.* Toward consistent terminology in a behaviorist approach to cultural analysis. **Behavior and Social Issues**, v. 25, p. 11-27, 2016.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006[1992].
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organizacao Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende et. al... Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The second shift: working parents and the revolution at home**. New York: Avon Books, 1989.
- MORFORD, Z. H.; CIHON, T. M. Behavior Analysis and Cultural Practices. In: CANTERUCCI, A. R. (Ed.). **Behavior analysis and cultural systems**: Conceptual, empirical, and applied approaches. New Harbinger Publications, 2013. p. 1-20.
- PINHEIRO, Luana; et al. **Gênero é o que importa**: determinantes do trabalho doméstico não remunerado no Brasil. Brasília, DF: Ipea, set. 2023.
- RIBEIRO, F. de F. M. Q.; et al. Por que os homens participam menos da divisão do trabalho doméstico? **Revista Economia & Gestão**, Belo Horizonte, v. 23, n. 64, p. 25-40, 2023.
- SKINNER, B. F. **Ciência e Comportamento Humano**. Trad. João Carlos Todorov e Rodolfo Azzi. 11 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1953].
- SKINNER, B. F. **Para além da liberdade e da dignidade**. Lisboa: Edições 70, 2000[1971].